



Revista APMED - Volume 1 - Número 2 - Dezembro de 2022

---

## JOÃO DOS FOGOS

Manoel Jaime Xavier Filho  
Membro da Academia Paraibana de Medicina

Já de muito tempo passou a ser conhecido como João dos fogos e sobre as crianças do lugar exercia medo e fascínio. Era de estatura mediana, emagrecido, mais envelhecido do que os sessenta anos já vividos e no semblante transparecia algo destrambelhado. O franzimento da testa, barba por fazer, cabelos em desalinho e os óculos de lentes grossas com uma das pernas aderida ao resto da armação por esparadrapo conferiam ao seu olhar uma impressão de espanto. Na boca, invariavelmente, um palito, sempre a mudar de lugar com o auxílio da língua. Descuidado na aparência, vestia-se modestamente e usava alpargatas mostrando os dedões dos pés com unhas grandes e espessas, albergando fungos. Era distraído e costumava falar sozinho, de maneira que até as crianças o percebiam como alguém que perdera o prumo, daí o temor justificado.

Em que pese seu aspecto externo tão desfavorável, havia naquele senhor pacífico algum atramento advindo certamente do seu ofício, era fogueteiro. Ao transformar pólvora em fogos simples de artifícios, criava instantes de ludicidade e deleitação para crianças e adultos de todas as idades. Chuveiros, estrelinhas, chumbinho, traques, bombas, foguetões, rojões e balões formavam o rol de opções. O fato é que a queima dos fogos proporcionava a seu público luz, cores e ilusões. As fantasias ganhavam representatividade. E, a depender do ensejo,

música, dança, comidas típicas e bebidas ensofregavam ainda mais o clima de animação.

As noites de São João, São Pedro e Santo Antônio eram o período áureo, mas em outras ocasiões também era convocado o fazedor de fogos, a exemplo do novenário de maio, festa da padroeira, período natalino e comemorações diversas que requeressem a presença dos seus fogos, com destaque para os foguetões.

Na pequena cidade em que morava, de quinze mil habitantes, no final da década de cinquenta, não existiam concorrentes e a comercialização de fogos de artifício, fabricados em escala industrial ainda não tinha aparecido por lá. Produzia os fogos artesanalmente no quintal da sua casa muito modesta e contava com a ajuda de um auxiliar sem a menor aptidão para o ramo. À época, as normas de segurança e fiscalização dos órgãos competentes, se existentes, não davam o ar da sua graça.

Tudo corria relativamente bem até que um acidente vascular cerebral o deixou com sequelas motoras. Seu mundo ígneo virou trevas. Viúvo, sem filhos e impedido de continuar a exercer o seu mister, restou-lhe como alternativa morar na casa dos idosos, mantida pela prefeitura. Logo surgiu um sobrinho não se sabe de onde e que nunca se fez presente, interessado na venda imediata da casa do tio. O propósito estava claro.

Ao novo acolhimento, João não se mostrou adaptável, foi tomado por uma apatia refratária. Nada lhe apetecia, deixando-se envolver pelo retraimento e indiferença. Por vezes através da janela, ficava admirando as estrelas e a lua quando estava cheia, murmurando palavras inescrutáveis, assim o disse, um companheiro de enfermaria.

Seu estado de melancolia evoluiu para uma depressão severa, ficando a um canto, sem querer se alimentar nem tomar banho. A irmã Clarisse chamou o médico que com ele se demorou quinze minutos, prescrevendo um antidepressivo e vitaminas. Passaram-se três semanas e nenhuma melhora fora percebida. A mesma freira, agora usando a intuição feminina, decidiu convocar padre Amâncio.

Inteirado de todos os detalhes e no dia acertado, o religioso fez o primeiro contato com João. Cumprimentou-o, deteve-se inicialmente em assuntos banais e a certa altura foi mergulhando aos poucos no âmago da sua intenção.

- Disseram-me, João, que você é fogueteiro, uma profissão que lida com fogo e pólvora o tempo todo, necessária ao contentamento do povo, porém perigosa, não é isso?

Como resposta, silêncio e desafeição. Deu-se a segunda abordagem:

- Não sei se você já leu, mas no começo dos tempos os seres humanos não dispunham do fogo, era um privilégio dos deuses, sendo Zeus o mais poderoso deles. Apareceu então Prometeu, um benfeitor da humanidade. O que fez ele? Foi ao Monte Olimpo, morada dos deuses, e roubou sementes do fogo, escondendo-as de alguma maneira enquanto descia a colina e presenteou-as aos humanos. A partir daquele momento tudo mudou, as noites frias ficaram aquecidas, as fogueiras afugentavam os animais ferozes, instrumentos de metais foram fabricadas e os alimentos puderam ser cozinhados, facilitando a digestão e melhorando o paladar.

O padre ia relatando tudo isso em linguagem acessível e, à maneira de um seriado ou novela de televisão, o tema sendo sempre retomado semanalmente, a cada sexta-feira, a partir do ponto anteriormente abordado. A indiferença inicial de João, numa escala gradual foi cedendo a uma participação tímida, dando lugar, por fim, a um interesse manifesto. Em sua face demonstrou pesar ao saber do castigo imposto a Prometeu por Zeus, que o fez amarrar com correntes a um rochedo enquanto um abutre passou a devorar seu fígado. À medida que o fígado se regenerava, a ave retornava para dar sequência à mesma tarefa.

- Que malvadeza! Murmurou João, baixinho, expressando-se verbalmente pela primeira vez.

Padre Amâncio soube utilizar todos os seus dotes teatrais para revelar como Prometeu foi salvo por Hércules que com uma flecha certa matou a ave, libertando Prometeu do seu terrível suplício.

- Bem merecido! Foi o comentário de João.

Após várias reuniões, a certa altura e no tempo oportuno, estas foram as palavras do reverendo:

- Estimado amigo, você passou sua vida oferecendo aos habitantes dessa cidade divertimento e noites festeiras inapagáveis em suas memórias através dos fogos de artifício, honrando a façanha de Prometeu, amigo da humanidade. Avalie e saiba identificar o alcance da sua contribuição para o bem-estar dessa gente. Está na hora de voltar a se interessar mais por você mesmo e pela vida, assumindo outra postura.

De alguma forma, desapertado das angústias que o afligiam, o desbrilho presente em seus olhos, desde o momento em que precisou encerrar suas atividades, foi dando lugar a uma certa vivacidade.

Não se sabe ao certo, se, mais pela ação do antidepressivo, ou pela abordagem do capelão, João experimentou uma recuperação gradativa. O convívio entre os dois foi se espaçando porque menos necessário. O antidepressivo nunca fora descontinuado, frise-se.

João, a pedido da irmã Clarisse, assumiu a tarefa de cuidar das galinhas, criadas soltas no quintal da instituição. Também não abandonou o costume de contemplar as estrelas e a lua cheia à noite, quando as nuvens permitiam.

Faleceu cerca de três anos após o tratamento para a crise depressiva, vitimado por outro acidente vascular cerebral.

Ao velório não compareceu familiar algum, nem mesmo o sobrinho interesseiro. O fogo ali presente, representado pela chama bamboleante das quatro velas acesas e os pingos de cera derretida que escorriam em cada uma delas, à semelhança de lágrimas, foram a homenagem mais legítima prestada à memória do velho fogueteiro.

Também não se pode deixar de registrar a cerimônia da encomendação do corpo esteve a cargo do padre Amâncio.

